



Proposta de uma classificação inicial de aplicativos como ferramentas de uso jornalístico¹

Leonardo de Vasconcelos SANTOS²

Luís Matheus Brito MENESES³

Prof. Dr. Carlos Eduardo FRANCISCATO⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Diante das transformações que afetam o jornalismo com o desenvolvimento das tecnologias móveis digitais, a presente pesquisa tem como objetivo fazer um levantamento inicial de aplicativos voltados à produção jornalística. Metodologicamente, utilizamos a pesquisa bibliográfica para compreender conceitualmente o tema a ser investigado e pesquisa exploratória com o objetivo de mapear as experiências existentes. Os resultados obtidos apontam para uma pequena quantidade de aplicativos voltados à produção jornalística, o que nos mostra a necessidade de aprofundar as pesquisas e empreender experiências nessa área do jornalismo com a produção de um aplicativo que atenda as necessidades dos jornalistas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Móvel; Jornalismo Móvel; Aplicativos.

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia tem se tornado um elemento cada vez mais central no jornalismo. A expansão da tecnologia móvel ao redor do mundo, sobretudo na primeira década do século XXI, tem transformado os modos de produção e distribuição de conteúdo jornalístico, alterando os papéis tradicionais desempenhados por jornalistas e leitores.

Em meio a esse conjunto de mudanças surge o mobile journalism (Mojo), definido como uma modalidade de jornalismo produzido em condições de mobilidade por dispositivos portáteis (smartphones, tablets, câmeras e gravadores digitais). Embora as pesquisas que cercam esse fenômeno ainda estejam em desenvolvimento, Silva

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior (IJ) do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: leovasconcelos.ufs@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: luismatheusbrito@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: cfranciscato@uol.com.br



(2013) aponta que os estudos sobre jornalismo móvel separam-se em duas linhas principais de investigação: a produção, de um lado, enfatizando o trabalho dos repórteres em condições de mobilidade e, do outro, o consumo/difusão, referindo-se à disponibilização de conteúdos para serem acessados através de dispositivos móveis, seja por meio de aplicativos ou através de versões específicas desenvolvidas para esse tipo de interface.

Assim, a presente pesquisa situa-se em meio a esse conjunto de discussões sobre comunicação móvel e seus impactos sobre o jornalismo. O foco de nossa investigação é o desenvolvimento de aplicativos para a produção jornalística. O caminho analítico que percorremos passa por mapear esses aplicativos, bem como entender o modo como são produzidos, a partir do estudo sobre os desenvolvedores.

Dessa forma, buscamos, por um lado, apresentar os aplicativos desenvolvidos para jornalistas e, em seguida, propor uma categorização de todos os aplicativos encontrados na pesquisa exploratória, inclusive daqueles que, apesar de não terem sido produzidos para jornalistas, reúnem um conjunto de funcionalidades que podem auxiliá-los no processo de produção da notícia.

2. COMUNICAÇÃO MÓVEL

Os dispositivos móveis se disseminaram numa velocidade vertiginosa em diversos países ao redor do mundo que aos poucos se adequaram a essas tecnologias e passaram por um processo de transição entre o telefone fixo e móvel ou não, além da substituição do computador por smartphones.

Os celulares móveis surgiram para suprir uma demanda de executivos e de uma parte seleta da população de países desenvolvidos, mas em poucos anos as camadas mais populares desses países, como os da Europa Ocidental e Estados Unidos, tiveram acesso a essa tecnologia, devido ao barateamento dos dispositivos. Segundo Castells (2007), “El auge de la telefonía móvil a nivel mundial puede fijarse a mediados de los años noventa, cuando la proporción de móviles en relación a teléfonos fijos pasó de un 1:38 (1991) a 1:8 (1995)” (CASTELLS, 2007, p. 20).

As tecnologias móveis ainda se alastraram de forma desproporcional, a despeito dos avanços. Segundo Castells (2007), em 2004, de 182 países analisados apenas 31



tinham um nível de penetração superior a 80% enquanto mais da metade deste quantitativo estava abaixo de 20%. Aos poucos, os dispositivos móveis se adaptaram às necessidades dos usuários e incrementaram funções antes executadas por outras ferramentas, como o calendário, o relógio, a calculadora e a câmera fotográfica. Iniciou-se um processo de convergência não apenas tecnológico, mas essencialmente cultural (JENKINS, 2006), pois as transformações dependiam da demanda dos usuários, como eles utilizam as novas funções ou as ofertas do mercado.

Hoje, como os celulares são quase parte da indumentária humana, eles são cruciais para a consolidação da comunicação tanto individual quanto social. Com os celulares, as pessoas têm acesso “à imprensa, à rádio e à televisão. Com o celular, a Internet torna-se móvel” (FIDALGO e CANAVILHAS, 2009, p. 5).

Quanto à inserção e consolidação de tecnologias móveis na vida cotidiana, resta frisar que ela não se dá por meio de um determinismo tecnológico, mas, sobretudo, pelas relações, hierarquias e estruturas sociais pré-existentes que direcionam os usos e apropriações das tecnologias. Segundo Castells (2007), o gênero, a idade, a classe socioeconômica e a etnia influenciam, em escalas diferentes, o uso dos dispositivos móveis.

Uma das principais fases da vida humana que as tecnologias móveis influenciam é a adolescência. Em “*Comunicación Móvil y Sociedad. Una perspectiva global*”, Castells (2007) demonstra como os dispositivos móveis afetaram principalmente a cultura juvenil, do fortalecimento do individualismo e consumismo às relações patriarcais.

Se ha observado que el teléfono móvil, en tanto que dispositivo personal y de comunicaciones que tiene una presencia constante, ligera y mundana en la vida diaria, está influyendo profundamente en los hábitos de las redes sociales de los jóvenes y en su relación con los mayores (CASTELLS, 2007, p. 226).

Ainda segundo Castells (2007), os dispositivos móveis, ao mesmo tempo em que reforçam o individualismo, constroem grupos de pares através da padronização e criação de um modelo de consumidor a ser instituído, resultando nos modismos.

Para Quadros apud Santana (2014), as gerações Y (18 a 24 anos) e Z (10 a 17 anos) preferem os celulares a outras telas, além de se caracterizarem por um consumo



simultâneo de múltiplas mídias. Enquanto as gerações mais velhas consomem mais conteúdo através da TV, o uso do celular já ultrapassou o do computador na geração Y. Confira o quadro 1:

Quadro 1 – Hábitos de consumo da juventude digital

PLATAFORMAS	GERAÇÃO Z	GERAÇÃO Y
TV	65%	69%
Telefone celular	60%	78%
Computador com acesso à internet	82%	72%
Rádio	28%	40%
MP3	31%	10%

Fonte: (QUADROS et al, 2013, p. 149).

Tais modificações exigem uma nova concepção do mercado consumidor, especialmente, os de produtos jornalísticos, pois obviamente esses indivíduos constituirão a maior parte dos leitores no futuro.

2.1 COMUNICAÇÃO MÓVEL NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Sexto mercado mundial de telefonia móvel e maior da América Latina, o Brasil instituiu, principalmente, um modelo de telefonia pré-pago, pois a desigualdade acentuada no país impedia o avanço das linhas de telefonia fixa que chegavam a 56 reais ao mês, provocando a exclusão das camadas mais pobres da população. Apesar da pobreza, desemprego e estagnação econômica, a introdução das tecnologias móveis no Brasil foi de suma importância para democratizar a própria telefonia (CASTELLS, 2007).

Entre 2001 e 2003, o número de lugares que dispunham ao menos de um telefone subiu de 23,2% para 27,4% enquanto o número de linhas fixas caiu quase um ponto percentual e as linhas móveis passaram de 31% para 38,6%. Em 2003, quando os números de linhas móveis já ultrapassavam os de linha fixa, as operadoras de telefonia fixa perdiam cerca de 2.200 clientes por dia (CASTELLS, 2007). “En muchos casos, el suscriptor se pasó al teléfono móvil de prepago porque no podía mantener el teléfono



fijo, a pesar de que era fundamental para la supervivencia económica de la familia” (Lobato apud Castells, 2007, p. 34).

Em dez anos, entre 1994 e 2004, o nível de penetração da telefonia móvel aumentou 8.000% no Brasil. Ela se tornou, principalmente, um fenômeno urbano. Em 2004, 94 a cada 100 habitantes de Brasília já possuíam telefone móvel. No Rio de Janeiro, 51 a cada 100 habitantes. Em São Paulo, 41 a cada 100.

Similar ao Brasil, o desenvolvimento da telefonia móvel no restante da América Latina enfrentou dificuldades como a recessão econômica e desigualdades sociais. Segundo Castells (2007), em 2003, o número de linhas móveis já se equiparava ao número de linhas fixas. Para ele, a difusão dos dispositivos móveis na América Latina se caracteriza por três fatores: a influência e corrupção das linhas fixas na região, a introdução das redes sem fio na década de 1990 e, por último, o declínio das linhas fixas.

Los sistemas «quien llama paga» (o CPP por sus iniciales en inglés: *Calling Party Pays*) y los sistemas de prepago también han desempeñado un papel fundamental en el desarrollo de la telefonía móvil en esta región. En 1999, en casi todos los países de la zona estaba disponible la suscripción de prepago y, en 2003, representaba algo más del 80 % del total de suscripciones de Latinoamérica, alcanzando el 90 % en algunos países (por ejemplo, en Panamá, Méxicoy Venezuela) (Castells, 2007, p. 33).

A Argentina é o único país da América Latina que, por um momento, desviou da linha de consolidação da telefonia móvel, entre 2001 e 2002, quando enfrentava uma crise financeira, os índices de assinaturas em telefonia móvel caíam para até 6,8%.

3. JORNALISMO MÓVEL

O acesso à Internet através do celular propiciou o advento de um novo paradigma no jornalismo, o “Mojo” – Mobile Journalism. Os dispositivos móveis se tornaram meios de comunicação de massas, pois eles nos permitem acessar outros meios de comunicação, como a TV e o rádio (FIDALGO e CANAVILHAS, 2009). Logo, o celular adquire um caráter híbrido, enquanto meio de comunicação social e individual.

Conforme Silva (2013), o jornalismo móvel digital é “o trabalho do repórter em campo exercendo atividades potenciais de apuração, produção, edição, distribuição”



(SILVA, 2013, p. 101), além de caracterizar-se pelo fato de gerar novas práticas e potencialidades para permitir fluidez nos deslocamentos físicos ou informacionais. Enquanto, para Santana (2014), o jornalismo móvel se divide em duas perspectivas: uma relacionada à produção de notícias por smartphones e uma relacionada à distribuição de notícias ao público alvo por meio das tecnologias móveis digitais.

Antes, porém, para o Mojo eclodir, foi necessária a aparição de um ambiente “always on”, no qual é possível compreender as duas vertentes da ubiquidade: estar presente a todo tempo em todos os lugares e estar em conta com os lugares onde a rede está (MIELNICZUK, 2013). Esse ambiente altera o uso social dos espaços pelo cidadão e pelo jornalista, pois possibilitam uma maior captação e difusão de conteúdo. Diferente dos demais meios de comunicação, como a TV e o rádio, com a internet móvel o usuário tem acesso aos conteúdos a qualquer hora do dia, caso possua conexão.

Com efeito, até agora a Internet estava limitada pelas conexões de fio (Ethernet) ou por pequenas zonas de cobertura sem fios (wifi hot-spots) em universidades, hotéis e em cafés. Era uma Internet com as peias das conexões (FIDALGO e CANAVILHAS, 2009, p. 5).

Mobilidade é um conceito chave para compreender o jornalismo móvel digital. Para Silva (2013), o conceito de mobilidade é inerente ao Jornalismo porque, desde o surgimento da Imprensa, a noção de mobilidade já estava implícita no jornalismo, “como uma das suas características matriz reconhecidas desde o surgimento da imprensa (jornal impresso, móvel; telégrafo sem fio, rádio e propagação pelo ar)” (SILVA, 2013, p. 100).

Matheson e Allan apud Silva (2013) listam alguns momentos em que a comunicação móvel coincidiu e foi crucial para o jornalismo, principalmente na reportagem de guerra, que se beneficiou da junção de tecnologias móveis e conexões sem fios, como na Guerra do Iraque, em 2003. Assim, os alicerces do jornalismo móvel digital são as conexões sem fio, como a 3G, 4G, Wi-Fi etc., e as tecnologias móveis digitais, portáteis e ubíquas, como o celular, os tablets, os notebooks etc. (SILVA, 2013).

As tecnologias móveis, além de ampliarem o leque de gêneros jornalísticos, implicam diversas mudanças na cultura das redações. Segundo Silva (2013), as principais esferas de modificação são apuração, edição e distribuição. A praticidade, operacionalidade e mobilidade permitem-no desfrutar de infinitas vantagens, como estar



conectado com a redação enquanto estiver em campo. A recepção de notícias também se modificou. Com o celular, a leitura de jornais se tornou extremamente fragmentada, os leitores não acessam mais a página inicial dos portais de notícias porque o principal acesso às matérias se dá pelas redes sociais.

4. OS APLICATIVOS

Através da metodologia da pesquisa exploratória foram realizadas pesquisas com o objetivo de fazer um levantamento dos aplicativos desenvolvidos para auxiliar os jornalistas no processo de produção de notícias. Foram feitas buscas no Google e em sua loja de aplicativos, Google Play, utilizando termos e expressões em dois idiomas: português e inglês.

Nas pesquisas feitas em português, utilizamos as expressões "aplicativos usados por jornalistas" e "aplicativos produzidos para jornalistas". Em nenhuma delas foi possível encontrar aplicativos que tivessem sido desenvolvidos para jornalistas. Entretanto, como alguns sites mostravam listas de aplicativos indicados para jornalistas, procedemos à coleta do nome desses aplicativos e à sua posterior análise, visto que, embora não fossem rigorosamente aquilo que procurávamos, os aplicativos encontrados reúnem um conjunto de funcionalidades que podem auxiliar os jornalistas na produção da notícia.

Em seguida, nas pesquisas feitas em português no Google Play, foram empregados termos, como "jornalismo", "aplicativo para jornalistas" e "aplicativos produzidos para jornalistas". Nessas buscas encontramos um aplicativo de produção e compartilhamento de informações, denominado Berto. As demais pesquisas feitas no Google Play apontaram para aplicativos produzidos por veículos de informação para a transmissão de conteúdo noticioso, além de glossários de jornalismo. Como nenhum dos dois casos se enquadrava nos objetivos desta pesquisa, esses aplicativos não foram considerados.

A fim de ampliar o alcance da pesquisa também foram feitas buscas em inglês. As pesquisas feitas no Google utilizando a expressão "apps developed for journalism" mostraram um site que indicava ferramentas e aplicativos para jornalistas. Nessa lista pesquisada não foi encontrado nenhum aplicativo que, de modo semelhante ao Berto, tivesse sido desenvolvido para a produção jornalística. Entretanto, assim como na



pesquisa feita em português, foram selecionados aplicativos que, embora não tenham sido produzidos para jornalistas, podem ser utilizados por eles em alguma etapa do processo de produção de notícias, tendo em vista as funções que apresentam.

Em seguida, a pesquisa feita em inglês foi replicada no Google Play. Utilizando a expressão "apps developed for journalism" foi encontrado um aplicativo desenvolvido para jornalistas, denominado Viz Reporter, cuja principal função é gravar e transmitir vídeos.

Desse modo, tendo em vista que não foi possível constituir uma amostra expressiva de aplicativos desenvolvidos especificamente para a produção jornalística, procedemos a uma sistematização dos resultados encontrados, buscando estabelecer uma classificação inicial dos aplicativos enquanto ferramentas de uso jornalístico. Tal classificação foi feita levando em consideração as principais funcionalidades desempenhadas por cada uma dessas ferramentas.

5. CLASSIFICAÇÃO DOS APLICATIVOS

Berto e Viz Reporter foram os únicos aplicativos produzidos para jornalistas encontrados na pesquisa. O Berto é um aplicativo que reúne as funções de agregador de notícias, bloco de notas, gravador de áudio, além de permitir o compartilhamento de informações pelas redes sociais. De acordo com as informações que constam na descrição do aplicativo no Google Play, "Berto é para todos do meio jornalístico, comunicação social, mídias e derivados". Seu principal objetivo é "facilitar o dia-a-dia de quem vive o jornalismo frequentemente, desde iniciantes e profissionais à pessoas (sic) que simplesmente adoram ter informação e espalhar a mesma". O Viz Reporter, por sua vez, é um aplicativo de gravação e compartilhamento de vídeos. Sua principal funcionalidade é permitir que os repórteres enviem do local de cobertura do acontecimento parciais de notícias por meio de pequenos vídeos produzidos diretamente dos seus smartphones.

Os outros aplicativos selecionados e que também constituem a amostra do presente trabalho são: Evernote, Any.Do, Snapseed, SoundNote, UStream, iA Writer, Daedalus, Editorial, Byword, JamSnap, Irig Recorder, Steller e StoryMaker.

A partir da observação das principais funcionalidades exercidas por cada um



desses aplicativos, procedemos à sua classificação em quatro categorias: registro, edição, gerenciamento e compartilhamento de dados.

A primeira dessas funcionalidades se refere à captura do acontecimento, por meio de fotos, vídeos e áudios. A edição pode ser definida como o processo de organização do material informativo, através da seleção das informações que deverão constar no relato noticioso. O gerenciamento de dados, por sua vez, diz respeito à possibilidade de o aplicativo armazenar informação e recuperá-la quando for solicitado. O compartilhamento, por fim, é a categoria que identifica os aplicativos destinados à distribuição das notícias.

A tabela abaixo apresenta uma classificação dos aplicativos listados acima nas quatro categorias.

Tabela 1 – Classificação dos aplicativos

Aplicativos / Categorias	Registro	Edição	Gerenciamento	Compartilhamento
Berto	X			X
Viz Reporter	X			X
Evernote			X	
Any.Do			X	
Snapseed		X		
SoundNote	X			
Ustream	X			X
iA Writer		X		
Daedalus		X		
Editorial		X		
Byword		X		
JamSnap	X			X
Irig Recorder	X			
Steller		X		
StoryMaker		X		

Fonte: Elaboração própria

A classificação apresentada acima levou em consideração a principal funcionalidade exercida por cada um dos aplicativos. Assim, a maioria dos aplicativos foi classificada em apenas uma categoria. Outros, entretanto, foram classificados em duas. A análise da tabela mostra que a maior parte dos aplicativos foi classificada na categoria de edição, sendo que entre esses predominam os aplicativos de edição de imagens. Em segundo lugar aparece a categoria de registro. Nela estão os aplicativos



que fazem registros de áudio e vídeo. Em terceiro e quarto lugares estão as categorias de compartilhamento e gerenciamento de informações, respectivamente. Nessa última categoria foram classificados os aplicativos que armazenam dados e permitem sua posterior recuperação.

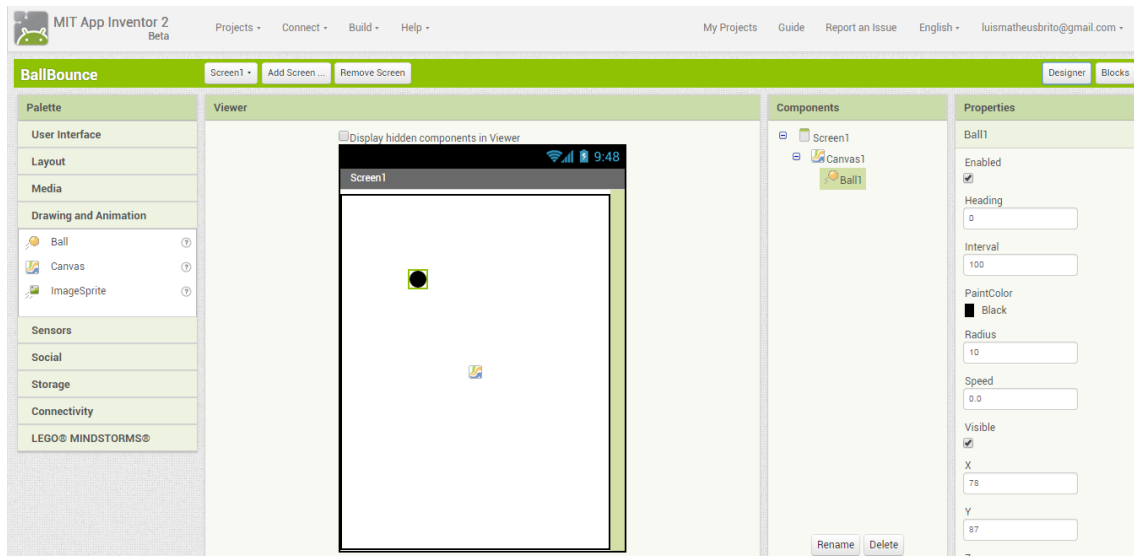
5. DESENVOLVEDORES DE APLICATIVOS

Em meio às vantagens e desvantagens de se criar um app por um desenvolvedor disponível na web, uma das vertentes desta pesquisa pretende desenvolver um aplicativo que atenda a demanda de jornalistas. O desenvolvedor escolhido foi o App Inventor (AI), criação “open-source” (código aberto) da equipe do Google Education e do professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT) Hal Abelson. O App Inventor permite, de forma intuitiva, a criação de aplicações para a plataforma Android na linguagem Java Script. O App Inventor começou a operar em março de 2012, após cerca de quatro anos de testes. Em abril de 2014, ele possuía 1.7 milhões de usuários cadastrados, dos quais 82 mil estavam ativos, que juntos já criaram 4,4 milhões de protótipos.

Ele foi escolhido, dentre outros desenvolvedores de apps disponíveis, por ser totalmente gratuito e voltado a propostas educacionais, além de se destacar por possuir um número de ferramentas maior que desenvolvedores como App Makr, Fábrica de Aplicativos e Easy Easy Apps. Hoje, a ferramenta é administrada pelo MIT’s Center for Mobile Learning em colaboração com MIT’s Computer Science and Artificial Intelligence Laboratory (CSAIL) e o MIT Media Lab e está em sua segunda versão.

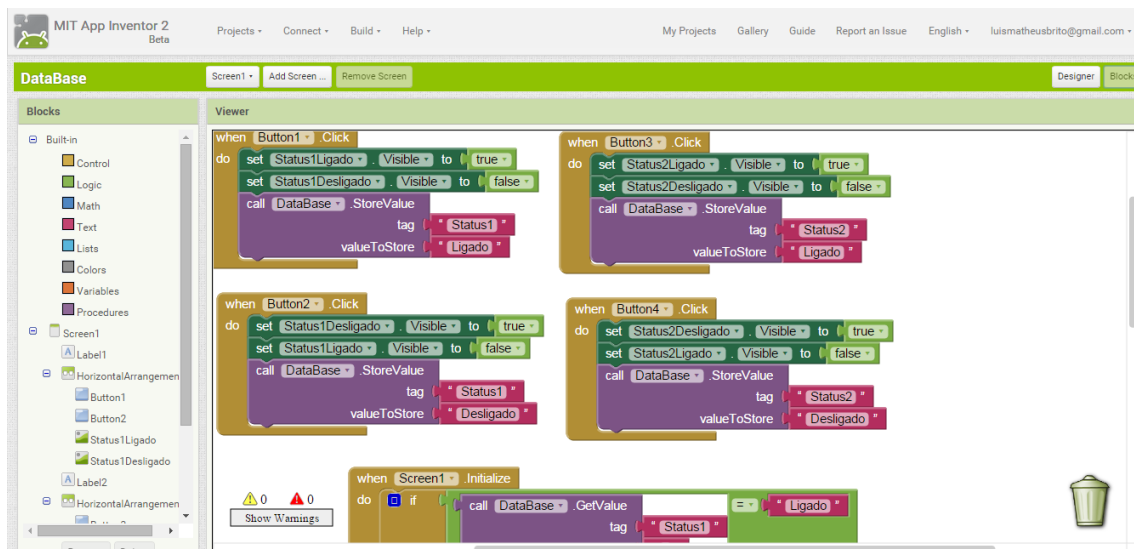
O AI possui uma graphical user interface (GUI), a qual funciona numa lógica “drag-and-drop” (agarrar-e-largar) em ambas as páginas de criação, “Designer” e “Blocks”. A página “Designer” se destina à interface-gráfica do protótipo enquanto a página “Blocks”, que funciona por meio do sistema “answering machine”, destina-se à programação do protótipo.

Figura 1 – Página “Designer”



Fonte: Captura de tela

Figura 2 – Página “Blocks”



Fonte: Captura de tela

Segundo Abelson, Friedman e Wolber (2014), o App Inventor surgiu para que não-especialistas em linguagem de programação se tornassem consumidores ativos se apoderassem da criação de aplicativos para seus celulares com base em suas necessidades. “The idea was to democratize app building and not leave it to the purview



of a small group of technically elite” (ABELSON, FRIEDMAN E WOLBER, 2014). Com o App Inventor, é possível criar jogos, softwares educacionais, apps de localização, scaneador de códigos, controlador de robô através da ferramenta Bluetooth, dentre outros.

6. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou apresentar, por um lado, um panorama dos aplicativos desenvolvidos para a produção jornalística e, por outro, procurou traçar uma classificação inicial dos aplicativos como ferramentas de uso jornalístico. Paralelamente a essa discussão, investigamos o funcionamento dos desenvolvedores de aplicativos, softwares utilizados para a produção dessas ferramentas. Como resultado, constatamos que praticamente não há aplicativos desenvolvidos para a produção jornalística. Berto e Viz Reporter foram os únicos, dentre todos os que foram encontrados, que foram produzidos com essa finalidade. Tal constatação mostra-nos que é preciso aprofundar as investigações nessa área e revela-nos a necessidade de pensar na produção de um aplicativo que possa atender as demandas dos jornalistas.

REFERÊNCIAS

ABELSON, Harold; FRIEDMAN, Mark; WOLBER, David. **Democratizing Computing with App Inventor**. 2014. Disponível em: <http://www.sigmobile.org/pubs/getmobile/articles/Voll8Issue4_2.pdf> Acesso em 10 maio 2015

BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana (Org). **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013.

CASTELLS, Manuel. et al. **Comunicación Móvil y Sociedad. Una perspectiva global**. Madrid: Ariel – Fundación Telefónica, 2007. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2007c/312/indice.htm>> Acesso em 15 abril 2015

FIDALGO, Antonio; CANAVILHAS, João. **Todos os jornais no bolso. Pensando o jornalismo na era do celular**. 2009. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/publicacoes/201104301350-fidalgo_canavilhas_todos_jornais_bolso.pdf> Acesso em 13 abril 2015

GOOGLE PLAY. **Berto**. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.surreydev.bertojournalist&hl=pt_BR> Acesso em 15 maio 2015



GOOGLE PLAY. **Viz Reporter**. Disponível em: < https://play.google.com/store/apps/details?id=com.vizrt.vizreporter&hl=pt_BR > Acesso em 15 maio 2015

KNIGHTCENTER. **Cinco aplicativos que todo jornalista deve ter em seu smartphone**. Disponível em: < <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-11823-cinco-aplicativos-que-todo-jornalista-deve-ter-em-seu-smartphone> > Acesso em 18 maio 2015

ONMEDIA. **Tools and apps for journalists**. Disponível em: < <http://onmedia.dw-akademie.de/english/?cat=787> > Acesso em 20 maio 2015

PORTAL IMPRENSA. **IMPRENSA lista dez aplicativos essenciais para o dia a dia dos jornalistas**. Disponível em: < <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/63048/imprensa+lista+dez+aplicativos+essenciais+para+o+dia+a+dia+dos+jornalistas> > Acesso em 18 maio 2015

PPLWARE. **10 apps para os jornalistas instalarem no iPad - Parte 1**. Disponível em: < <http://pplware.sapo.pt/apple/10-apps-para-os-jornalistas-instalarem-no-ipad-parte-1/> > Acesso em 18 maio 2015

SANTANA, Carol C. **Jornalismo e Dispositivos Móveis: Um Estudo Sobre os Aplicativos de Notícias do UOL, Estadão e O Globo**. Monografia de Conclusão de Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. 2013. 408 f. (Tese Doutorado). Faculdade de Comunicação Social. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2013.